

Discurso 25 de abril

Ex.mo presidente da mesa da assembleia

Ex.mo deputados e deputadas municipais

Ex.mo presidente da camara Municipal de Caminha

Ex.mos vereadores e vereadoras

Autoridades aqui presentes

A todos os que aqui estão hoje e que nos acompanham desde casa

Comunicação social

É uma honra enorme poder discursar nesta cerimónia solene.

Falar sobre o 25 de abril é **inquietação, reflexão, é Revolução**. Temos que pensar sobre o que já fomos, onde estamos agora e para onde queremos ir.

Os factos heroicos dos nossos capitães de abril já todos os conhecem e a história já faz parte de cada um de nós.

Falo dos capitães de abril, mas também do papel das mulheres. Dizia Fina D'armada, natural de Riba de Âncora, que “ os homens fizeram a revolução mas foram as mulheres que fizeram as bandeiras”. E é bom que nunca nos esqueçamos do papel que todos tiveram, também, nesta conquista de abril

Nasci 4 anos mais tarde e não assisti ao 25 de abril de 1974.

O que sei é pelos factos relatados nos livros da história, nos jornais, nas fotografias, de testemunhos pessoais de quem viveu o abril de 74.

Venho, então, hoje falar-vos do presente e do papel que cada um de nós tem na persecução dos valores de abril e do nosso passado enquanto concelho.

Lembrar histórias, é lembrar pessoas. Respeitar o Passado para crescer no futuro.

E o que aconteceu em Caminha naquela década ?

Como eramos, como vivíamos, o que sentíamos, o que acontecia por cá? E Hoje ? como estamos?

Pedi para visitar o arquivo do único jornal em papel que existe atualmente no concelho de Caminha. Ali está a nossa história, a história do concelho desde 1971 até aos dias de hoje.

Deixo desde já o meu agradecimento ao jornal Caminhense por me terem permitido consultar os jornais do arquivo, cujas folhas já amareladas traçam a história do concelho com factos, num verdadeiro exercício de liberdade.

Naquele caso, de liberdade de imprensa e de expressão que vingou até aos dias de hoje. Uma verdadeira prova de resistência perante as adversidades e de missão pela causa pública de informar um concelho com factos e posições públicas civis, associativas, políticas e partidárias.

Vejamos o que foi acontecendo.

Em 1971 O senhor Francisco Presa, na altura presidente da Câmara de Caminha falava na necessidade de se falar

verdade aos cidadãos em total liberdade e que o Homem era o centro da ação política.

Não são estes os valores que se consagraram, mais tarde em 1974 ?! Em Caminha já se sentia este fervilhar.

Hoje em dia como estamos?

Deixem-me dar-vos um exemplo.

Existe um projeto para colocar eólicas na nossa costa, de onde tem origem um pescado de excelência, mas não quiseram saber da opinião dos pescadores. Mas não deveria ser o homem o centro da nossa ação política?

O atual governo encomendou um estudo para definir os locais das ventoinhas feito por um grupo de trabalho maioritariamente ligado à energia e que não acautelou a questão identitária e económica das pescas. Na proposta preliminar essa informação não é contemplada. **Isto é falar verdade?!**

Ao longo da zona onde estão instaladas as três eólicas já existentes praticamente não há peixe e é proibido pescar. E agora como vai ficar o nosso mar cravejado de eólicas? O peixe vai fugir com o barulho das mesmas e a proibição da zona da pesca vai ser alargada. Dita-se assim o fim da liberdade de se poder escolher a arte da pesca como profissão, por falta de condições para tal.

Em dezembro de 1971, o Governador civil do distrito visita o concelho de Caminha e foi festivamente recebido em todas as freguesias.

O Sr. professor Laurentino Monteiro, presidente da comissão de turismo de Moledo dizia na altura, a

propósito de um enquadramento que fez ao sr Governador “ Temos de dotar o concelho com tudo o que a sua beleza natural e a sua importância exige Luz, Água , Caminhos.

Lê-se também nas páginas do jornal, aquelas que eram as preocupações da altura e fazem-se justas homenagens. Vejam este facto e cito “ É louvável também a benemérita colaboração prestada pelos senhores José Ribeiro e José Augusto de Castro Ramos que a pedido do sr Carlos Vegar, vereador da câmara de Caminha, atendendo ao grave problema da falta de água, cederam provisoriamente as suas nascentes, que foram ligadas à rede geral, onde acentou o remedeio de tão carecido liquido.”

Eram estas as preocupações em 1971 no nosso concelho.

E hoje? Não é a questão da água um assunto que tem gerado muita polémica e preocupação?

Tínhamos a água, que é um bem público essencial, a ser gerido pela câmara municipal, e que por decisão de alguns foi entregue a uma empresa. Entregaram a água e todas as nossas infraestruturas de forma gratuita. E o que ganhamos com isso? Pagamos faturas de água elevadas, temos obras relacionadas com esta empresa que demoram anos até ficarem prontas, por isso temos estradas esburacadas e freguesias num verdadeiro caos e a empresa a demorar a assumir responsabilidades.

Este dossiê e este bem essencial, que tanto custou aos nossos antepassados construir, fazendo pedidos de cedência de água de nascentes para a rede pública, é agora entregue a uma empresa. E o que pagamos na fatura da

água? Salários milionários, assessorias e até cabazes no Natal para distribuírem uns pelos outros.

Pedimos na altura, antes da concretização desta empresa que fizessem uma auscultação pública e ouvissem a opinião da população. Foi-nos negado. **Estou certa que não foi para isto que os nossos capitães de abril lutaram.**

Em outubro de 1972, percorriam nas páginas do jornal homenagens ao caminhense que saiu da sua casa branca perto da matriz, um homem de hábitos simples e que havia de ser professor da Universidade de Coimbra e chegou a presidente da república portuguesa, Sidónio Pais, aquele que “ a todos amou sem olhar a credos e a facções.

Estes são valores da liberdade. A liberdade de podermos ser e acreditar naquilo que sentimos na alma, sem termos medo de retaliações. Valores que já este ilustre caminhense praticava. E hoje como estamos? Vemos muitas pessoas que falam de liberdade, mas depois, na penumbra, castram a liberdade de expressão das pessoas.

Pessoas que são chamadas à atenção só porque falaram com a oposição.

Mas não foi o direito à oposição, um dos valores de abril?

Não representamos nós uma grande parte da população caminhense?

Em dezembro de 1972, O sr. Abel Narciso Jorge, vice presidente da Câmara, falava numa reunião com representantes de La Guardia, sobre a necessidade de uma ponte que ligasse os dois territórios. Estávamos em 1972, volto a frisar, e já havia o sonho de uma Ponte.

E sonhar não é liberdade? Sonhar é o que nos faz progredir, é sermos livres para acreditar que o futuro está ao nosso alcance.

Estamos em 2023 e o tema da ponte continua a ser um tema atual. Eu tenho defendido esta solução desde sempre. Fi-lo na Assembleia da República, fi-lo enquanto vereadora.

Pedi sempre a todos que deixassem a população discutir este tema livremente. Que a população do concelho se possa expressar para que se defina um rumo, discutindo saudavelmente todas as opiniões para que se cumpra a melhor ligação transfronteiriça que Caminha, como Município, que é foz de um rio internacional, merece.

Eu assumo a minha posição, respeito quem pensa diferente, mas não consigo entender quem é contra a ponte mas depois está a pagar juntamente com La Guardia um estudo para uma ligação rodoviária efetiva. Não há nada que pague a sinceridade na ação política, já dizia o saudoso Francisco Sá Carneiro.

Em 1972 aparece uma proclamação da União Operária, que reclamava da câmara, melhor distribuição do pão e habitação para todos.

A questão da habitação ainda é um assunto nos dias de hoje. Com o programa 1º direito- habitação social assinado em 2021, a câmara tinha que ter desenvolvido o plano de ação e chegados a 2023, com todos os concelhos já com o plano de habitação em marcha, em Caminha estamos praticamente sem nada feito e ainda se espera por mais uma candidatura para contratar alguém para executar o Programa. Vamos para o terceiro ano e ainda estamos à

espera que alguém venha de fora fazer aquilo que os responsáveis por este pelouro ainda não conseguiram fazer?

Nós já dissemos que estamos cá para ajudar, nesse dossiê e em outros como o das acessibilidades. De pôr o nosso tempo ao serviço de Caminha, com a única intenção de ajudar e aliás temos levado propostas de criação de comissões em sede de assembleia municipal mas infelizmente têm sido chumbadas.

Voltemos à História.

Em agosto de 1973 Já o Sporting Clube Caminhense vencia e convencia numa prova no Rio Douro e consagrava-se campeão nacional.

Em fevereiro de 1974, as notícias vão desde a escola preparatória de Sidónio Pais até ao anúncio de um hotel que ia surgir em Vila Praia de Âncora.

No Futebol, o Âncora Praia vencia o valenciano por 1 bola a zero em maio de 1972.

Os bombeiros de Caminha apresentavam as suas contas com 11 mil escudos de receitas.

Em 1974 o relatório de prestação de contas da Câmara de Caminha e o plano de atividades e orçamento era publicado nas páginas daquele jornal.

Um exercício de transparência louvável. Hoje em dia é difícil chegar à informação. Exigem que a oposição pague as fotocópias de documentos que pede para analisar e muitas repostas, que supostamente chegariam por escrito, nunca nos são dadas.

A transparência e a verdade também foram valores da revolução do 25 de abril de 1974. Não deveríamos agora, quase 50 anos depois manter essa exigência?

Em março de 1974 o Sr José Meira, presidente da direção do orfeão de Vila Praia de Âncora, aquando do 16º aniversário da criação do orfeão louvava o entusiasmo dos coros participantes no evento e o bairrismo da população ancorense.

No dia 21 de abril era notícia a morte do Almirante Jorge Ramos Pereira, um oficial distinto com uma carreira brilhante que orgulha todos os caminhenses até aos dia de hoje.

E chegamos finalmente ao 25 de abril de 1974, e surgem depois os primeiros relatos do que alguns caminhenses que se encontravam em Lisboa, viveram naquele dia. Dizia Roberto das Dores “ Fiz parte da multidão e com esta, misturei-me com os soldados, porque somos um só Povo”. Está aqui, É este o espírito!!

A 5 de maio de 1974 era página de abertura as declarações do general António Spínola onde falava sobre a Paz há tanto tempo desejada e sobre a melhoria do nível de vida das classes mais desprotegidas. Lembrava ele que há mais de trezes anos que “ sustentavam no ultramar uma guerra desgastante em três frentes, cujos efeitos perniciosos se fazia sentir em todos os sectores da atividade nacional”

Aproveito o dia de hoje para homenagear e honrar os homens caminhenses que tiveram que lutar no ultramar e que hoje, vivem entre nós com a humildade só ao alcance de grandes heróis.

A minha homenagem também a todos os militares caminhenses que naquela altura lutaram também ao lado dos capitães de abril.

Mas sobre as palavras do general António Spínola alerta para a necessidade que ele frisava em melhorar o nível de vida das classes mais desprotegidas.

E como estamos hoje então ao nível social e da saúde ?

Há ou não gente a dormir com mantas à porta do centro de saúde de Caminha? Há ou não ainda pessoas sem médico de família, um direito consagrado na constituição e pilar básico do Serviço nacional de saúde? No país são mais de 1,6 milhões pessoas.

E a questão da ação social? Foi recentemente entregue às camaras esta competência. Os apoios que até agora eram tratados e decididos pela segurança social agora serão feitos no próprio município. E os apoios financeiros, que até agora eram decididos de forma independente de órgãos políticos, passam todos por validação do presidente da Câmara ou vereador do pelouro. Vamos pôr as pessoas que mais precisam de chapéu na mão a pedir àqueles que depois de 4 em 4 anos lhes vão pedir votos?

Isto não é um retrocesso social de enorme escala? Estamos a permitir que deixemos de ter um estado social, para podermos vir a ter eleitoralismo social, promovido por este Governo em funções.

Estou certa que não foi para criar dependências políticas por parte de quem mais precisa que os militares fizeram a revolução em abril de 1974.

E como vos dizia, estas são algumas das notícias do nosso concelho,, no contexto global do 25 de abril, e a respetiva analogia com os dias de hoje.

Fi-lo porque considero que há muitos valores de abril que podem estar a ser atropelados, e como cidadãos temos que deixar os alertas e fazer o que estiver ao nosso alcance para que não hajam retrocessos civilizacionais.

Falar dos temas, não para atacar, mas para alertar.

Falar abertamente dos assuntos mais incómodos, não para julgar mas para melhorar.

Falar a verdade a todas as pessoas.

Horácio Benvindo da Silva foi o primeiro a liderar os destinos de Caminha após o 25 de abril, numa comissão administrativa, até às primeiras eleições 2 anos mais tarde. Recorda ele numa entrevista ao jornal caminhense, sem medo de assumir a verdade, que quando chegou à Câmara, não havia dinheiro, as ruas eram limpas com vassouras feitas com ramos de giestas. Imaginam como se vivia naquela altura?

A título de curiosidade, destaco um facto que hoje em dia seria impensável na nossa sociedade.

No Jornal dá-se destaque após o mês de abril de 1974, à publicitação do cartaz cinematográfico concelhio, porque a população do concelho de Caminha só aí pôde ter acesso a filmes até então censurados.

Talvez alguns não percebam o alcance deste facto , mas mostra muito da castração informativa que se vivia na

altura e todos sabemos que um povo sem informação é governado por ditadores.

Mas acerca deste facto, faço uma última analogia. Hoje em dia a informação que é passada por determinados representantes políticos locais e nacionais é toda filtrada por gabinetes de comunicação e assessorias de imagem e paga com o dinheiro de todos nós

E eu pergunto, para além do dinheiro gasto nestas questões que não trazem mais valias à população , Isso é ser verdadeiro ou é trabalhar para a propaganda no pior sentido da palavra?!

Estou certa que também não foram esses os valores de abril.

Nós vivemos num País que soube erguer em 1974 a bandeira da Liberdade!

Os valores de abril, mais do que serem consagrados por discursos neste dia, têm que estar dentro de cada um de nós.

Falar sobre o 25 de abril é falar em liberdade e democracia.

E a Democracia tem três valores indissociáveis: responsabilidade, liberdade e transparência. São regras de ouro da democracia, o sentido de responsabilidade pela causa pública, a liberdade para cada um escolher o seu destino e a transparência para falar a verdade acima de todas as coisas.

Reflitamos sobre os valores de abril que hoje em dia possam estar em causa. Usemos os bons exemplos, para propalarmos pelos nossos jovens, que são o nosso futuro

de amanhã, de que vale a pena lutar por aquilo em que se acredita.

Os capitães de abril acreditaram

O povo português acreditou.

E a história fez-se de heróis, de cravos, de homens, mulheres e crianças, que deram origem a uma democracia, ainda hoje jovem, mas que acredito que, com reflexão, respeito, trabalho e verdade perdurará pela eternidade.

Um bem haja à população do concelho de Caminha

Um bem haja ao País

Pelo respeito, pela liberdade e pela democracia !!

Viva o concelho de Caminha

Viva Portugal !!!